

TEXTO E CONTEXTO

# A Amazônia extrativista

Lino João de Oliveira Neves \*

Desde as primeiras penetrações européias a Amazônia tem sido vista em sua exuberância de flora, fauna e pessoas, que na maior parte das vezes deriva para narrativas do exótico, onde aquelas últimas (as pessoas) nem sempre têm sido entendidas em seu estatuto de grupos humanos, ou sociedades, sendo tomadas quando muito como um potencial nativo para o desbravamento e exploração da região.

As frentes de ocupação que para a Amazônia se voltaram, podem ser classificadas em dois tipos: 1) aquelas que tinha como objetivo exclusivo o extrativismo vegetal e/ou animal; 2) aquelas que além da ação imediata do seu empreendimento extrativista pretendiam estabelecer pontos de "civilização" da região.

Tendo como características comum a apropriação de recursos naturais enquanto recursos econômicos, voltavam-se todas elas para a produção de itens destinados primordialmente à exportação e em segundo lugar ao suprimento de demandas regionais.

Estas iniciativas constituem movimentos sucessivos de ocupação econômica que em diferentes momentos e por diferentes vias de acesso se estenderam a toda região amazônica.

Destinadas à coleta das chamadas "drogas do sertão", as primeiras frentes extrativistas desenvolveram-se a partir da região atlântica. Encontrando em acidentes geográficos ou na resistência de grupos indígenas obstáculos à sua penetração, as expedições para a coleta de drogas permaneceriam por muito tempo limitadas aos cursos inferiores dos afluentes do Amazonas-Solimões. Estes empreendimentos associavam-se à expansão das fronteiras portuguesas, sendo desta fase a ocupação de pontos estratégicos através da construção nas calhas dos grandes rios de fortes militares e vilas que mais tarde dariam origem a cidades como Manaus, Tefé, Tabatinga e São Gabriel do Rio Negro.

Em sentido contrário, partindo sobretudo da fronteira oeste do atual Estado do Amazonas, as frentes de extração do caucho penetram na região avançando sempre mais, segundo a disponibilidade de recursos naturais. Em constante deslocamento, os coletores do caucho não chegaram a estabelecer pontos de fixação, tendo contribuído também para este fato a resistência dos grupos indígenas que se opunham às investidas sobre seu território.

A partir da segunda metade do século XIX a Amazônia experimentaria um grande surto migratório que pautado no extrativismo da borracha, e por vezes associado à coleta de castanha, esta de forma mais pontuada a determinadas regiões, pretendia a fixação de grande contingente populacional. Diferentemente das frentes anteriores (coletores de drogas e



AC  
**A** extração da borracha foi o primeiro processo de exploração extrativista da região amazônica, responsável no início pela proliferação de um grande número de seringais e pequenas vilas e espalhadas pelo Amazonas

extratores de caucho) o extrativismo da borracha vinha acompanhado da intenção de instalar núcleos populacionais como obra "civilizadora" da região, tida como "vazio" humano. Promovendo a migração de nordestinos atingidos pelas grandes secas de 1877, 1878 e 1888, o primeiro momento do extrativismo da borracha foi responsável pela proliferação de um grande número de seringais e pequenas vilas em praticamente todos os tributários do Amazonas e do Solimões, e seus afluentes menores. O trabalho do "cearense" fez da Amazônia a maior região fornecedora de matéria-prima para o parque industrial internacional que a cada dia descobria novas aplicações para a goma elástica.

Em 1911 as plantações de *hévea brasiliensis* promovidas sobretudo pela Inglaterra e França, em suas colônias, começaram a produzir borracha fazendo despencar o preço internacional do produto. Com a entrada no mercado internacional da produção de borracha do Oriente, o sistema seringalista, suporte do extrativismo do látex, entra em crise provocando o abandono dos seringais pelos seringalistas, que se transferem para centros regionais, e o êxodo de grande número de seringueiros para vilas e pequenas cidades, acentuando ainda mais os desequilíbrios sociais.

A Segunda Guerra Mundial traria um novo ânimo à região. Com a tomada da produção asiática pelas "forças do eixo" (Alemanha, Itália e mais precisamente Japão), a necessidade de matéria-prima para abastecer as operações militares dos aliados traz de volta as atenções para a Amazônia, ou, mais objetivamente, para a sua potencial produção de borracha. Embora tenha representado uma retomada da ação extrativista, os níveis de produção nunca chegaram a atingir os anteriores. Este segundo momento da produção da borracha assinala um novo processo migratório, centrado, mais uma vez, no nordestino vitimado por um sistema de exploração de sua força de trabalho, antagônico ao sistema de

trabalho livre. Reativado no contexto da guerra, o extrativismo da seringa terá por base o trabalho do "soldado da borracha". Diferentemente da fase áurea do extrativismo, que pode ser indicada para os anos de 1870 a 1911, esta segunda fase, de 1941 a 1945, não representará a concretização de grandes iniciativas ou grandes obras de caráter regional, uma vez que todas as suas energias foram canalizadas para exportação da produção como "esforço de guerra".

O fim da Segunda Guerra decreta a falência do seringal, assinalando o começo do processo de agonia final do extrativismo, que deixará suas marcas em todos os beiradões da Amazônia. Os antigos barracões que outrora se erguiam em plena floresta como verdadeiros palácios de reis nababos rapidamente se transformariam em ruínas povoando os campos tomados pelo mato nos seringais em abandono. A prosperidade de um tempo passado seria rapidamente apagada pelas incertezas de um futuro sombrio, que, já em 1950, se abatia sobre as antigas regiões produtoras de borracha.

A política do "milagre brasileiro" produziria nos anos 70 investidas sobre a Amazônia. Apoiados no privilégio dos incentivos fiscais e custeados por recursos federais, são implantados por toda a parte projetos agropecuários totalmente impróprios à região, e cujos objetivos finais, o tempo mostrou, eram simplesmente de controle e domínio de grandes extensões de terra com fins especulativos.

Redescoberto a Amazônia como uma "terra sem homens" à espera de ser ocupada, os projetos de colonização dirigida, governamentais ou privados, destinados ao assentamento de colonos sem-terra do Sul do País, acabariam por se constituir em empreitadas de abertura da terra ao latifúndio.

Embora já praticado anteriormente, o extrativismo da madeira adquire neste novo modelo de desenvolvimento uma maior conotação, marcando o surgimento de núcleos populacionais intimamente ligados às serrarias, que, as-

sim como ocorrera no período anterior, tem sua produção destinada à exportação, principalmente para outros países.

O último surto extrativista a se dirigir para a Amazônia volta-se para os recursos não-renováveis. Minério de ferro, cassiterita, ouro e petróleo encabeçam a lista de recursos minerais que nas duas últimas décadas passaram a ser o alvo central da grande investida de milhares de garimpeiros e empresas mineradoras, cujas ações, de uns e de outras, e principalmente daqueles em proveito destas têm provocado conseqüências devastadoras para a região.

Tratada como "celeiro do mundo" a Amazônia vem sendo continuamente agredida por frentes arcaicas e primitivas de extrativismo, por derrubadas clandestinas ou legalizadas de suas matas, pela implantação subvencionada de campos de pasto, por concessões e alvarás questionáveis de mineração, que além de índices de produção pouco ou nada deixam para a região, a não ser um enorme processo de depredação ambiental e degradação social, cujos principais atingidos, porém não os únicos, são os índios.

Programas de desenvolvimento e colonização e iniciativas de ocupação econômica, para a Amazônia, têm se mostrado, ao longo do tempo, unicamente "processos de exploração extrativista", no sentido mais negativo que estes três termos possam emprestar à expressão, responsável pelo sonho do Eldorado terminar sempre em fracassada ilusão.

\* O autor é mestre em Antropologia Social e professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade do Amazonas

## Entenda o contexto

Os textos que começam a ser publicados a partir de hoje, de autoria do professor Lino João de Oliveira Neves, são versões resumidas do segundo capítulo de "137 Anos de Sempre: um Capítulo da História Kanamari do Capitato", dissertação de Mestrado defendida este ano no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina.

## BIBLIOGRAFIA

FURTADO, Celso. "Formação Econômica do Brasil" (diversas edições).

PRADO JUNIOR, Caio. "História Econômica do Brasil" (diversas edições).

RIBEIRO, Darcy. "Os Índios e a Civilização" (diversas edições).